

As formações discursivas em *Abusado: o dono do morro Dona Marta*

A pesquisadora Sandra Moura desenvolveu um vigoroso trabalho sobre o processo de investigação do jornalista Caco Barcellos, especialmente no que concerne a seu segundo livro *Rota 66: a história da polícia que mata*. Ao longo do percurso de sua pesquisa, Moura observa a influência do *novo jornalismo* sobre a produção do jornalista. Segundo Sandra Moura (2007, p. 217), “*Rota 66* tem uma estrutura narrativa não muito comum ao texto jornalístico. Há algo que faz lembrar o andamento literário das grandes reportagens do chamado *new journalism*”. E continua: “A análise dos documentos de processo de *Rota 66* torna evidente essa presença literária: Ela pode ser localizada bem ali: no planejamento de cenas, nos roteiros e pauta” (Id, p, 217).

A pesquisadora aponta a influência de Truman Capote no processo de formação do jornalista brasileiro. Caco Barcellos, por exemplo, leu e releu por inúmeras vezes a obra *A sangue frio*, com o objetivo de aprender a técnica de apuração dos fatos utilizada por Capote. Outro aspecto na produção do jornalista americano que lhe chamava a atenção era o seu modo de construir a narrativa. Para Sandra Moura (2007), embora Barcellos tenha se apropriado dos ensinamentos deixados por Capote, dentre os adeptos do *new journalism*, a grande influência de Barcellos parece ter sido Gay Talese, exatamente por o jornalista brasileiro apreciar imensamente o seu “lado cronista”. “Tal influência, certamente, deveu-se à convivência com jornalistas que aderiram no Brasil às técnicas do *new journalism*, a exemplo de Marcos Faerman, com quem Caco Barcellos trabalhou em *Versus* na década de 70” (MOURA, 2007, p. 219). Segundo Moura, Barcellos, grande admirador do jornalista-escritor americano Ernest Hemingway, dividiu o livro *Abusado: o dono do morro Dona Marta* em três partes: *Tempo de Viver, Tempo de Morrer e Adeus às armas*, em homenagem a Hemingway. “O autor de *Por quem os sinos dobram* está de fato entre os seus escritores favoritos, mas tem um detalhe. Ele confessa ter uma predileção pelas histórias do que propriamente pelo texto de Hemingway” (MOURA, 2007, p. 82). Assim, a pesquisadora expõe a fala de Barcellos, o seu ponto de vista, após ter relido *Paris é uma festa*. “Gosto das histórias dele, da forma romântica como se envolve nas histórias, da vida nômade, das aventuras, dos temas, do conteúdo dos livros e menos da estética do

texto. Parece que falta capricho, dedicação, perfeccionismo” (Cf. MOURA, *Caco Barcellos: o repórter e o método*, p. 82). Em relação à apropriação de técnicas utilizadas pelos adeptos do *new journalism* para a apuração do acontecimento Sandra Moura escreve:

Na sua atividade, Caco Barcellos já utilizou procedimento comum à prática dos ‘novos jornalistas’. Ele empregou-se, em 1978, como operário para falar do trabalho no canteiro de obras da Central Nuclear de Angra dos Reis, quando ainda se discutia as condições de segurança para o recebimento do combustível radioativo da usina (MOURA, 2007, p. 219-220).

Edônio Alves Nascimento escreve sobre o caráter de mimese realista na narrativa de Barcellos:

São exatamente os diálogos, reproduzidos diretamente das falas dos personagens (o falar amaneirado da gíria dos malandros e da gente do subúrbio do Rio de Janeiro) que criam o efeito de sentido necessário a toda narrativa de mimese realista, como deve ser a empreendida pelo jornalismo. Nesse aspecto, o *Abusado* é uma competente apropriação de técnicas narrativas oriundas do doutrinário estético dos ‘novos jornalistas’ e a utilização realista do diálogo é uma delas. As outras três mais básicas, o ponto de vista autobiográfico em primeira ou terceira pessoa, a utilização de símbolos do status de vida e a construção cena a cena, são também fartamente empregadas pelo narrador (NASCIMENTO, 2003, p. 155).

Cabe ressaltar a contribuição de Martin Heidegger sobre a obra de arte instaurar o mundo. Se pudermos nos apropriar do pensamento do filósofo para refletir sobre o caráter mimético da narrativa barcelliana, apontado por Nascimento, podemos dizer que a narrativa de Barcellos, a partir de seus diálogos e re-criações da fala dos moradores da Santa Marta, ao contrário de imitar o mundo, o instaura.

A técnica de infiltração foi bastante comum nas práticas de apuração do *novo jornalismo*. Era comum a percepção de que o jornalista deveria se inserir no ambiente do acontecimento, absorver o seu universo simbólico-emocional, para ter condições de se apropriar de determinados discursos, compreender o seu ambiente social. Além disso, o crime é um dos temas bastante explorados pelos adeptos do *novo jornalismo*.

De certo modo, os novos jornalistas se interessam pelos casos estranhos, incompreensíveis e que se mantêm no plano do insólito. Norman Mailer ocupa um lugar importante entre os adeptos das histórias que beiram o absurdo, e a sua obra *A canção do carrasco* é citada como uma das mais notáveis da reportagem em livro (MOURA, 2007, p. 220).

A revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* são alguns exemplos da influência do *novo jornalismo* no fazer jornalístico brasileiro na década de 60. Em se tratando da constituição de produtos híbridos e quebra de fronteiras no que diz respeito aos campos do saber, Carlos Azevedo, mestre em literatura brasileira pela Universidade Federal da Paraíba escreve:

Partimos do princípio de que mudanças profundas vêm ocorrendo no campo de constituição das ciências e dos saberes, em especial as humanas, levando a ‘eliminação’ de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificidades. Entendemos o jornalismo e a literatura como campos autônomos mas que se relacionam através da constituição de produtos híbridos, fruto de um diálogo de profissionais que ousam criar sem a preocupação com fronteiras ou limites. Ao mesmo tempo, sabemos que cada campo ainda mantém sua especificidade e que transformações estão se operando como pode ser sentida através de produtos como conto-reportagem, livro-reportagem, biografia jornalística escrita com técnicas e recursos literários entre outros híbridos (AZEVEDO, 2003, p. 133).

Segundo Azevedo, Caco Barcellos, em *Abusado*, percorre caminhos similares à produção do livro escrito pelo jornalista onze anos antes da publicação do *Abusado*, o *Rota 66*, produto do chamado jornalismo investigativo.

Fugindo da pressa e do reducionismo da *grande mídia* (que para alguns se chama de mídia gorda), Caco Barcellos opta pelo livro-reportagem como forma de expressão. De caráter menos passageiro do que as mensagens jornalísticas tradicionais e fundamentado numa ampla apuração, com pesquisa rigorosa, o livro-reportagem ajusta-se como forma às necessidades de quem acredita numa mídia diferente e inovadora, principalmente no campo da linguagem (AZEVEDO, 2003, p. 131-132).

É nítida a influência do *novo jornalismo* na gestação de seus discursos e método de trabalho. Já realizamos o percurso sobre a formação dos discursos do verdadeiro, de seus efeitos de verdade, na literatura e no jornalismo. O percurso através de *Os sertões*, das reportagens e telegramas euclidianos, nos revelou o acontecimento da guerra em seu processo de des-velamento do cerco a Canudos. Essa travessia mostrou-se como desconstrução do discurso oficial a partir das máscaras narrativas de Euclides da Cunha. Pretendemos agora compreender a gestação discursiva em *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Percorreremos o mesmo processo, agora, no entanto, com a utilização de reportagens publicadas nos jornais cariocas *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Acreditamos ser possível, com isso, des-tecer os fios condutores do discurso do verdadeiro na imprensa e em o *Abusado: o dono do morro Dona Marta*.

Percebemos, no entanto, ser importante expor as reflexões de Michel Foucault no que diz respeito às instituições prisionais como, do mesmo modo, a passagem do infrator, figura da justiça penal, para o delinqüente, que faz parte do aparelho penitenciário. Exporemos também a reflexão foucaultiana sobre a produção do delinqüente pelos aparelhos penitenciários, ressaltando a relação de poder/saber exercida sobre o preso. Outro ponto importante a ser ressaltado diz respeito à reconstituição da biografia do infrator para se encontrar nela a rede de causa/conseqüência para a produção da figura do criminoso, antes mesmo de ele ter cometido o crime.

Foucault mostra como a forma de penalidade concebida no século XVIII por Beccaria, para quem não poderia existir uma forma de punição para um ato que não tivesse explícito em lei, modificou-se no século XIX com a produção da figura do indivíduo periculoso. Essa transformação fez com que a penalidade passasse a ser concebida não a partir de uma relação de conformidade com a lei, mas como um controle das virtualidades do indivíduo. Significa dizer que se tornou imprescindível controlar os indivíduos naquilo que eles podem vir a fazer; exercer o controle sobre o que estão na iminência de cometer. “O controle dos indivíduos, essa espécie de controle penal punitivo dos indivíduos ao nível de suas virtualidades não pode ser efetuado pela própria justiça, mas por uma série de outros poderes laterais, à margem da justiça” (FOUCAULT, 2005, p. 86). Assim, o filósofo enumera a rede de controle e correção: “a polícia para a vigilância, as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas para a correção” (Id, p, 86).

Assim, a grande noção da criminologia e da penalidade em fins do século XIX foi a escandalosa noção, em termos de teoria penal, de periculosidade. A noção de periculosidade significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos; não ao nível das infrações efetivas a uma lei efetiva, mas das virtualidades de comportamento que elas representam (FOUCAULT, 2005, p. 85).

Esse ponto é importante, pois o jornalista Caco Barcellos, em o *Abusado*, também realiza a construção biográfica do traficante Márcio Amaro de Oliveira, conhecido como Marcinho VP¹, Juliano VP em seu livro. A sua reconstituição, no entanto, ao contrário de nos apontar o delinqüente periculoso e desumano nos traz a

¹ VP é uma sigla utilizada para “vapor”, o menino do morro que leva/entrega as drogas no asfalto, que se constitui como um estigma (relação com a hierarquia classificatória do tráfico).

figura carismática e humana do homem comum, imbuído de seus anseios, virtudes, falhas, remorsos e temores. Barcellos realiza, assim, de modo belo e vigoroso o que poderíamos chamar de des-tecimento discursivo da máquina penitenciária.

O título do livro de Barcellos, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, nos faz refletir sobre o que Foucault escreveu sobre o sentido democratizante da Lei: “seria hipocrisia ou ingenuidade acreditar que a lei é feita para todo mundo em nome de todo mundo; que é mais prudente reconhecer que ela é feita para alguns e se aplica a outros” (FOUCAULT, 1987, p. 229). O título do livro, *Abusado*, carrega essa dualidade. Ao mesmo tempo, o personagem principal, Juliano VP, é abusado pelo seu anseio de ser mais que um favelado, filho de nordestinos, de uma entre tantas outras favelas do Rio de Janeiro e do Brasil. Abusado por se revoltar contra a hierarquia/situação social, por “não se colocar em seu lugar” como bandido. Abusado por enfrentar a polícia e, conjuntamente, abusado por toda uma sociedade, o Brasil, que o relegou ao esquecimento, à fome, à ignorância e à violência; o abuso sofrido por uma grande parcela da população esquecida nos arraiais e nas favelas das grandes cidades. Sobre a reflexão de Foucault, (apesar de não fazer parte de nosso objeto de pesquisa), cabe ressaltar o banco de dados fornecido por Caco Barcellos em seu livro *Rota 66: a história da polícia que mata*. O olhar dos matadores da Rota dirigia-se, sobretudo, às classes que viviam à margem da cidadania, como observou o jornalista. Foucault (1987, p. 230) diz ainda: “A lei e a justiça não hesitam em proclamar sua necessária dissimetria de classe”.

4.1.

O sistema carcerário e a produção da delinquência

A prisão é anterior ao que é datado como o seu nascimento pelos novos códigos. Significa dizer que a instituição-prisão, compreendida como um aparelho capaz de “tornar os indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho preciso sobre seu corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 195), pré-existe à sua existência como uma pena por excelência. Assim, ela foi constituída quando se elaboraram, ao longo do corpo social, os processos para repartir, fixar, classificar e distribuir os indivíduos espacialmente; quando foi possível tirar-lhes “o máximo de tempo, e o máximo de forças” (Id, p, 195); quando os seus corpos puderam ser treinados, o seu comportamento codificado e a visibilidade sobre eles se tornou sem lacunas. A forma-prisão delineou-se como “um aparelho

completo de observação, registro e notações” (Id, p, 195), constituiu-se como “um saber que se acumula e se centraliza” (FOUCAULT, 1987, p. 195).

Desde os primeiros anos do século XIX, ter-se-á ainda consciência de sua novidade; e entretanto ela surgiu tão ligada, e em profundidade com o próprio funcionamento da sociedade, que relegou ao esquecimento todas as outras punições que os reformadores do século XVIII haviam imaginado (FOUCAULT, 1987, p. 195).

Michel Foucault não simplesmente observa, mas reflete sobre a obviedade da prisão, no que se refere ao seu caráter de “detestável solução, de que não se pode abrir mão” (FOUCAULT, 1987, p. 196). Essa obviedade, segundo Foucault, se fundamenta, em primeiro lugar, pelo seu caráter de ‘privação de liberdade’. A prisão se torna a pena, por excelência, por a liberdade, para as sociedades ocidentais, se configurar como um bem que pertence a todos, além de estar ligada a “um sentimento universal e constante” (Id, p, 196). Além disso, há outro aspecto essencial que é o de se poder quantificar a pena. “Há uma forma-salário da prisão que constitui, nas sociedades industriais, sua ‘obviedade’ econômica” (FOUCAULT, 1987, p. 196). A “forma-salário da prisão” constituiu-se como um sentido de reparação, dando a entender que a infração lesou não apenas a vítima, mas toda a sociedade; “a obviedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos” (Id, p, 196). Assim, Foucault (1987, p. 196) se pergunta: “Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao retrainar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social?”. A forma-prisão, com os seus fundamentos jurídico-econômicos e técnico-disciplinares, surgiu, assim, como o modo mais civilizado das penas já testadas no corpo social. Já ao que se refere às reformas prisionais, Michel Foucault observa que a reforma da prisão surgiu quase contemporânea à forma-prisão, não é, assim, acontecimento recente. “A prisão fez sempre parte de um campo ativo onde abundaram os projetos, os remanejamentos, as experiências, os discursos teóricos, os testemunhos, os inquéritos” (FOUCAULT, 1987, p. 198).

A importância de explorarmos o tema do sistema carcerário e da produção da delinquência diz respeito a possuímos embasamento teórico necessário para podermos refletir, pensar, as relações traficante-policial-sociedade no que diz respeito à obra do jornalista Caco Barcellos, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Acreditamos ser de grande importância a contribuição do filósofo Michel Foucault para refletirmos sobre a microfísica do poder que envolve as relações apontadas.

Outro ponto que nos é necessário ressaltar é o que Foucault diz sobre a ininterrupta ação da máquina prisional sobre os indivíduos. O filósofo resalta o caráter “onidisciplinar” da prisão, que acompanha o indivíduo incessantemente, enquanto durar a sua tarefa. Foucault (1987, p. 199) escreve: “ela dá um poder quase total sobre os detentos; tem seus mecanismos internos de repressão e de castigo: disciplina despótica. (...) Ela tem que ser a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido”. Com o intuito de transformar os indivíduos, modificar o seu caráter pervertido, a instituição-prisão fez uso de três esquemas: “o esquema político-moral do isolamento individual e da hierarquia; o modelo econômico da força aplicada a um trabalho obrigatório; o modelo técnico-médico da cura e da normalização” (FOUCAULT, 1987, p. 208). O penitenciário, segundo Foucault, configurou-se a partir de técnicas de tipo disciplinar, que excederam a detenção propriamente dita. “O carcerário ‘naturaliza’ o poder legal de punir, como ‘legaliza’ o poder técnico de disciplinar. Homogeneizando-os assim, apagando o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro” (FOUCAULT, 1987, p. 250).

Foucault aponta o caráter panóptico da prisão, proposto por Jeremy Bentham:

local de execução da pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos. Vigilância, é claro. Mas também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora; as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados (FOUCAULT, 1987, p. 208-209).

Na sociedade disciplinar, o delinqüente faz parte, está dentro da lei, e o encarceramento se torna a chave mestra dessa sociedade, torna-se onipresente. Assim, desde o início, o delinqüente se faz presente “na própria essência da lei ou pelo menos bem no meio desses mecanismos que fazem passar insensivelmente da disciplina à lei, do desvio à infração” (FOUCAULT, 1987, p. 249).

Cabe ressaltar também a distinção que Foucault faz sobre o infrator e o delinqüente. Aquele participa do sistema discursivo da justiça penal, já este habita o universo do sistema carcerário. Além disso, o que distingue o infrator do delinqüente é o fato de este, a partir da reconstituição de sua biografia, possuir um feixe de relações, fios complexos que o liga ao delito, antes mesmo de tê-lo cometido. É o que Foucault diz sobre encontrar na história biográfica do infrator relações de causa/conseqüência que levem o indivíduo a ser considerado perigoso, antes de ter cometido o crime. Assim, Foucault escreve:

O delinqüente se distingue também do infrator pelo fato de não somente ser o autor de seu ato (autor responsável em função de certos critérios da vontade livre e consciente), mas também de estar amarrado a seu delito por um feixe de fios complexos (instintos, pulsões, tendências, temperamento). A técnica penitenciária se exerce não sobre a relação de autoria mas sobre a afinidade do criminoso com seu crime (FOUCAULT, 1987, p. 211).

O delinqüente torna-se, assim, a imagem dos desvios patológicos da espécie humana, podendo ser analisado a partir de síndromes mórbidas; como se ele fizesse parte de uma subespécie. Por isso, Foucault nos diz que o homem delinqüente e a técnica penitenciária são de algum modo irmãos gêmeos, pois um não pode existir sem o outro. É a figura do delinqüente que surge entre-tecida à máquina institucional penitenciária. Essa relação, apontada por Foucault, pode ser observada no livro *Abusado*. Veremos como se entretecem as relações entre Marcinho VP e os carcereiros na prisão. Além disso, através das reportagens dos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, perceberemos como os discursos da imprensa tecem a relação de afinidade entre Marcinho VP e o seus delitos.

O filósofo Michel Foucault concorda com a posição do senso comum que diz que a prisão fabrica delinqüentes; que os faz retornar ao banco dos réus e à prisão, mas faz uma ressalva: “ela os fabrica no outro sentido de que ela introduziu no jogo da lei e da infração, do juiz e do infrator, do condenado e do carrasco, a realidade incorpórea da delinqüência que os liga uns aos outros” (FOUCAULT, 1987, p. 213).

A prisão, essa região mais sombria do aparelho de justiça, é o local onde o poder de punir, que não ousa mais se exercer com o rosto descoberto, organiza silenciosamente um campo de objetividade em que o castigo poderá funcionar em plena luz como terapêutica e a sentença se inscrever entre os discursos do saber (FOUCAULT, 1987, p. 214).

O campo de objetividade apontado por Foucault como o seu caráter incessante da forma-prisional pode ser observado claramente em o *Abusado*. A formação do delinqüente Juliano VP e o caráter disciplinador que é exercido sobre ele ao longo de toda a sua vida também podem ser observados. Vale a observação sobre os agentes e as relações de força e poder que se exercem e são exercidas nas relações sociedade-polícia-trafficante. É importante observarmos tais relações para podermos compreender como se formam os efeitos de verdade nos discursos da imprensa e do *Abusado*.

Segundo Foucault, a prisão, a reforma e o seu fracasso, ao contrário de serem concebidos como momentos sucessivos do sistema carcerário, devem, sim, ser pensados

como um sistema simultâneo de quatro termos que “se sobrepôs à privação jurídica da liberdade” (FOUCAULT, 1987, p. 225). Os quatro termos são:

o ‘suplemento’ disciplinar da prisão – elemento de sobreponder; a produção de uma objetividade, de uma técnica, de uma ‘racionalidade’ penitenciária – elemento do saber conexo; a recondução de fato, se não a acentuação de uma criminalidade que a prisão devia destruir – elemento de eficácia inversa; enfim a repetição de uma reforma que é isomorfa, apesar de sua ‘idealidade’, ao funcionamento disciplinar da prisão – elemento do desdobramento utópico (FOUCAULT, 1987, p. 225).

Para Foucault, o “sistema carcerário” constitui-se a partir desse conjunto complexo, ao contrário de se situar somente na instituição prisional, com as suas regras, muros, pessoal, violência. O aparente fracasso do sistema carcerário, que reúne “discursos e arquitetos, regulamentos coercitivos e proposições científicas, efeitos sociais reais e utopias invencíveis, programas para corrigir a delinquência e mecanismos que solidificam a delinquência” (FOUCAULT, 1987, p. 225) constitui-se como parte importante do funcionamento e mecanismo institucional da prisão. Foucault deseja com essa argumentação defender que o pretense fracasso do sistema carcerário possui objetivos próprios. O filósofo supõe que o sistema carcerário, ao contrário de se destinar a suprimir as infrações, objetiva-se “antes a distingui-las, a distribuí-las, a utilizá-las” (Id, p, 226). Que, ao contrário de tornar dóceis os pretensos transgressores à Lei, as instituições prisionais “tendem a organizar a transgressão das leis numa tática geral das sujeições” (FOUCAULT, 1987, p. 226). Sobre essa tática geral das sujeições cabe um caso apontado por Caco Barcellos em sua obra *Abusado*.

O caso Jovelina é bastante significativo. O traficante Marcinho VP aceita a proposta do policial Peninha para a compra de um tipo de metralhadora de longo alcance, AK-47. Mas, após ter pago por ela, o policial o ameaça. Caso ele não devolva a sua arma, a polícia vai invadir a favela. Vejamos o diálogo exposto no livro de Barcellos.

No começo da tarde, uma ligação para o telefone público do beco Padre Hélio fez Juliano interromper a demonstração que fazia a duas jovens encantadas com o fuzil.
 - É pra você, Juliano. É o Peninha – disse o homem que atendera o telefone.
 Sem largar a arma, Juliano atendeu o telefonema ainda eufórico, elogiando a arma, sem perguntar o motivo do contato.
 - Manero, manero, Peninha. Essa arma é dez, cara!
 - É. Dei mole. Mas vou pegar ela de volta! – retrucou Peninha.
 Sem perceber as intenções de Peninha, Juliano propôs outras compras.
 - Pode mandá mais que a gente compra. Quero botá vinte fuzil nesse morro.
 - Você não está entendendo, Juliano. Essa arma é minha. E você vai me entregar ela de volta.

- Como assim?
- Manda teu avião me devolver ainda hoje aqui embaixo, na praça Corumbá.
- O quê? Tu tá louco? Eu já te paguei e tu qué o quê?
- Isso mesmo, rapá, estou esperando no fim da tarde, na hora da Ave-Maria.
- Tá doidão, Peninha! Qual é? Essa arma não sai mais do morro!
- Tu manda já ou eu vou aí buscar essa porra!
- Tu vai perdê a viagem, Peninha.
- Eu sou polícia, rapá. Tu é dedo mole, é? (BARCELLOS, 2003, p. 196).

Peninha e outros policiais sobem o morro na tentativa de reaver o fuzil, mas são expulsos pelo bando de Marcinho VP.

A penalidade, ao contrário de se prestar a reprimir pura e simplesmente, prestar-se-ia a diferenciar as ilegalidades, a fazer a sua economia geral. A penalidade seria um modo de “gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles” (Id, p, 226). Sobre a economia geral das ilegalidades, temos a tentativa infeliz de Marcinho VP de largar o tráfico, quando estava foragido na Argentina. Vale o diálogo do jornalista Caco Barcellos com Marcinho VP.

- E você está levando realmente a sério o projeto de abandonar tudo e começar uma vida nova?
- Tá foda! Tá foda! Preciso trabalhá, preciso estudá, quero fazê cinema... mas por enquanto como vou explicá que não tenho nenhum documento profissional, que não tenho nenhuma prova de tê trabalhado algum dia em outra coisa? Quem vai acreditá só na minha palavra? (BARCELLOS, 2003, p. 474).

Como observa Barcellos, o projeto de abandonar o crime começa a ser deixado para segundo plano, devido às dificuldades enfrentadas.

- É foda, cara. Meu passaporte tá em nome de um amigo que já se foi. Eu sô menos que ele. Não sô um morto, mas também não tenho uma existência, não tenho nome, identidade, nada. Não posso nem mesmo sê chamado de mendigo, de desempregado, de sem-teto. Me sinto abaixo do nada (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p, 482).

É interessante o que Barcellos expõe em o *Abusado*, de sua tentativa de recomeçar uma nova vida. Marcinho VP “tentou associar-se aos artesãos hippies de uma praça de Córdoba, mas foi rejeitado porque não tinha como comprar matéria-prima. Pediu emprego em alguns restaurantes em troca de comida, (...) mas nem isso conseguiu” (BARCELLOS, 2003, p. 482). Por fim, “já pensava em apelar para o furto ou para o assalto para garantir o sustento quando conheceu Maria e logo se identificou

com a história dela” (Idem, 482). Para Foucault (1987, p. 232), “a delinquência, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes”.

Os tráficos de armas, os de álcool nos países de lei seca, ou mais recentemente os de droga, mostrariam da mesma maneira esse funcionamento da ‘delinquência útil’; a existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sobre o qual se chega a exercer controle e a tirar um lucro ilícito por meio de elementos ilegais, mas tornados manejáveis por sua organização em delinquência. Esta é um instrumento para gerir e explorar as ilegalidades (FOUCAULT, 1987, p. 232).

Polícia e prisão formam um único corpo, para Foucault, um único dispositivo. Elas sozinhas “realizam em todo o campo das ilegalidades a diferenciação, o isolamento e a utilização da delinquência” (FOUCAULT, 1987, p. 234). Segundo o filósofo, polícia-prisão-delinquência deveriam ser concebidos como um circuito ininterrupto onde a “vigilância policial fornece à prisão os infratores que esta transforma em delinquentes, alvo e auxiliares dos controles policiais que regularmente mandam alguns deles de volta à prisão” (Id, p, 234). Esse círculo ininterrupto constituído pela polícia-prisão-delinquência demonstra o momento em que “a criminalidade se torna uma das engrenagens do poder” (FOUCAULT, 1987, p. 235). Caco Barcellos expõe o encarceramento de Márcio Amaro de Oliveira, Marcinho VP, na Polinter, que foi uma das centrais de polícia do Rio de Janeiro. Em dezembro de 2005, a governadora, na época, Rosinha Garotinho decidiu que a central deveria ser desativada até janeiro de 2006. O caso relatado em *Abusado* ilustra muito bem o pensamento de Foucault no que concerne ao dispositivo polícia-prisão-delinquência.

No ano de 1997, Marcinho VP foi condenado a 23 anos de cadeia por tráfico de drogas, formação de quadrilha e apologia ao crime. Como se não bastasse, a justiça impôs ao infrator o castigo de ser posto na cela dos tuberculosos. A cena estava montada. Caso o detento quisesse mudar de cela teria de negociar, como diz Barcellos, “no momento oportuno, com quem administrava as regras perversas da carceragem da Polinter” (BARCELLOS, 2003, p. 361). O cárcere construído para abrigar 150 detentos possuía à época 400 homens divididos em treze cubículos. O primeiro passo, para quem quisesse ter acesso aos benefícios do cárcere, era adquirir a confiança do carcereiro. Para sair da cela dos tuberculosos, por exemplo, Marcinho VP teve de “pagar uma diária equivalente a três dólares e mudar para a cela ao lado, onde o sol também não entrava, mas pelo menos o risco de contaminação era de uma doença não tão grave, a sarna” (Id, p, 361). Na Polinter, tudo poderia ser negociado, menos a fuga.

Sede de seis órgãos da polícia civil do Rio de Janeiro, o prédio era freqüentado durante as 24 horas por centenas de policiais e a seu redor sempre havia viaturas estacionadas. Embora a carceragem fosse vulnerável, devido à fragilidade das paredes laterais e do piso que estava logo acima de um córrego subterrâneo, era impossível uma fuga sem que levantasse a suspeita contra algum funcionário da segurança. Por isso, Juliano sabia que os negócios com algum carcereiro corrupto da Polinter dificilmente envolveriam a venda de sua liberdade. O primeiro a aceitar o seu dinheiro deixou bem claro.

- Aqui tudo pode ter um preço. Mas fuga, nem pensar – disse ele (BARCELLOS, 2003, p. 362).

De acordo com Barcellos, um mês após a detenção de Marcinho VP os carcereiros já estavam faturando alto com as visitas recebidas pelo bandido. Mesmo sabendo que não poderia negociar a sua fuga com os homens do cárcere, VP e o seu grupo arquitetaram um plano, que acabou sendo descoberto por um carcereiro bem informado. Não podendo negar o envolvimento no plano, mas ao mesmo tempo não podendo assumi-lo para não perder a confiança dos carcereiros, VP fez novas negociações. “Preferiu acertar um valor que evitaria o interrogatório com tortura e que garantiria o fim das investigações internas contra ele” (BARCELLOS, 2003, p. 364). Esse exemplo nos mostra como as relações estratégicas e de poder vão sendo entretidas no dispositivo polícia-prisão-delinquência.

Segundo Foucault, a produção da figura do delinqüente acontece também nos noticiários policiais. “A notícia policial, por sua redundância cotidiana, torna aceitável o conjunto dos controles judiciários e policiais que vigiam a sociedade” (FOUCAULT, 1987, p. 237). Há nos noticiários uma espécie de batalha quotidiana que acontece todos os dias “contra o inimigo sem rosto” (Id, p, 237). Nesses boletins, segundo o filósofo, a percepção sobre a figura do delinqüente vai paulatinamente, quotidianamente, sendo construída. “Os jornais populares propõem muitas vezes uma análise política da criminalidade que se opõe termo por termo à descrição familiar dos filantropos (pobreza-dissipação-preguiça-bebedeira-vício-roubo-crime)” (FOUCAULT, 1987, p. 238). Esse aspecto é importante por a obra de Caco Barcellos apresentar-se como uma outra proposta de entendimento sobre a criminalidade. Ao longo do livro *Abusado*, a partir da reconstrução da biografia de Marcinho VP, vamos nos dando conta de que o crime não pode ser concebido, simplesmente, a partir da relação pobreza-crime. Ao contrário, Barcellos nos mostra o caráter inefável da criminalidade. Esta emerge em suas páginas como imagem-questão, expressão já referida de Manuel Antônio de Castro. Imagem-questão, não só no que diz respeito à criminalidade, mas a questão de um outro Brasil, esquecido nas favelas brasileiras. A delinquência, para Foucault,

realiza também o papel de se constituir como um dispositivo de vigilância de todo o corpo social.

A delinqüência, com os agentes ocultos que proporciona mas também com a quadriculagem geral que autoriza, constitui em meio de vigilância perpétua da população: um aparelho que permite controlar, através dos próprios delinqüentes, todo o corpo social. A delinqüência funciona como um observatório político. Os estatísticos e os sociólogos dela se utilizaram por sua vez, bem depois dos policiais (FOUCAULT, 1987, p. 233-234).

Em contraposição, a delinqüência de cima, dos homens do poder, “exemplo escandaloso, fonte de miséria e princípio de revolta para os pobres” (Id, 238) vai sendo tolerada pelas Leis. Essa delinqüência, que é própria à riqueza, quando cai nos domínios da justiça “está segura da indulgência dos tribunais e da discrição da imprensa” (FOUCAULT, 1987, p. 239).

O contranoticiário policial destaca sistematicamente os fatos de delinqüência da burguesia, mostrando que ela é a classe submetida à ‘degenerescência física’, à ‘podridão moral’; substitui os relatos de crimes cometidos por gente do povo pela descrição da miséria em que caem os que os exploram e que, no sentido estrito, os deixam com fome e os assassinam; mostra nos processos criminais contra os operários a parte de responsabilidade que deve ser atribuída aos empregadores e à sociedade inteira. Enfim, empenha-se todo esforço para transformar esse discurso monótono sobre o crime, procurando ao mesmo tempo isolá-lo como uma monstruosidade e fazendo cair todo o seu escândalo sobre a classe mais pobre (FOUCAULT, 1987, p. 239).

A origem da delinqüência, ao contrário de cair sobre o indivíduo, recai sobre uma classe, a mais pobre, no caso. Desaparece a natureza criminoso para surgir o jogo de forças, as relações de poder, entre classes sociais. Dependendo da classe a que pertença o indivíduo, a infração o conduzirá à prisão ou ao poder. Os pobres, magistrados, hoje, certamente, habitariam os campos de trabalhos forçados. Os bem nascidos, ao contrário, povoariam os tribunais distribuindo justiça. Foucault (1987, p. 240) escreve sobre a incompreensibilidade da natureza humana em relação ao crime: “deve-se ver nele, mais que uma fraqueza ou uma doença, uma energia que se ergue, um ‘brilhante protesto da individualidade humana’ que sem dúvida lhe dá aos olhos de todos seu estranho poder de fascínio”. Foucault exemplifica com o noticiário policial *La Phalange* que, ao contrário de ter feito a acusação do inimigo sem rosto, constituiu-se como um instrumento de reflexão sobre o que é reprimido, a revolta contra a ‘civilização’.

O combate de *La Phalange* era outro, como, do mesmo modo, era outra a sua utilização da estética do crime, “uma utilização do noticiário policial que não tem simplesmente como objetivo fazer voltar contra o adversário a acusação de imoralidade, mas fazer aparecer o jogo das forças que se opõem reciprocamente” (FOUCAULT, 1987, p. 240). Foucault diz ainda sobre o modo como *La Phalange*, a partir de uma postura de defrontação pela “civilização”, analisava os casos penais: “os grandes crimes não como monstruosidades mas como a volta fatal e a revolta do que é reprimido, as pequenas ilegalidades não como as margens necessárias da sociedade mas como o fulcro da batalha que aí se desenrola” (Id, p, 240). O filósofo reflete ainda sobre o crime poder se constituir como um instrumento político de libertação social, como o foi para a emancipação dos negros.

4.2.

O Brasil oficial e/ou real no discurso de *Abusado*

Seja marginal, seja herói!

Hélio Oiticica

Cláudio Cardoso de Paiva procura compreender o modo como Caco Barcellos reflete sobre as tramas sociais e políticas que regem a vida de um outro Brasil, o dos favelados, a partir de sua obra *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Em seu percurso em reconstituir a biografia do traficante Marcinho VP, Caco Barcellos embrenha-se no submundo do crime, em meio à violência da luta pelo poder entre as gangues rivais que realizam a expressa transgressão às leis. Emergem, no entanto, con-juntamente no palco dos acontecimentos “processos de formação da identidade, agregação coletiva e laços de sociabilidade” (PAIVA, 2003, p. 69). É bastante interessante a reflexão que Paiva realiza sobre a hibridização dos signos do Brasil oficial com os da cultura urbana, popular de massa, periférica.

A construção jornalística de Barcellos é pródiga na captura do sentido de um universo em que se hibridizam os signos do Brasil oficial, autorizado e instituído com os signos das culturas urbanas, da cultura popular de massa, das culturas periféricas, incluindo suas sonoridades, visibilidades e oralidades, irradiadas também pela mídia. Portanto, inscrevem-se aqui os emblemas da televisão e as falas e gírias urbanas, como a turma da

Xuxa², a cocaína efetivamente tratada como Brizola e ‘slogans’ como *o lado bom da vida errada* – enquanto imagens e jargões que animam a coexistência entre os membros das tribos do morro (PAIVA, 2003, p. 78).

Com essa reflexão, torna-se claro para Paiva a receptividade recebida pelo cantor Michael Jackson pela comunidade da favela, quando fez a gravação de seu videoclipe *They don't care about us* no morro Dona Marta. A receptividade, para o pesquisador, dá-se pela presença dos signos formadores do imaginário dos jovens do asfalto, no imaginário dos jovens da periferia, signos provenientes da sociedade de consumo.

Segundo Paiva, a televisão no Brasil realiza um papel preponderante no que diz respeito à construção da identidade e à socialização brasileira por a TV fazer uma “espécie de duplicação ou clonagem da realidade cotidiana” (Id, p, 69). Sendo assim, para o pesquisador, o que está em jogo são as representações dos valores de bem e mal como, do mesmo modo, as modalidades de identificação e pertencimento. Com isso, Paiva nos traz elucidções, a “mídia – como um vetor de publicização da vida cotidiana – tem o poder de formar, informar e transformar, mas também pode deformar os estilos de identidade, subjetividade e sociabilidade” (PAIVA, 2003, p. 69-70). Segundo ele, é preciso “encontrar as estratégias para entrar e sair dos jogos midiáticos que se infiltraram nos diversos campos da experiência” (Id, p, 70). Essa entrada e saída dos jogos midiáticos requerem, não há dúvida, a des-construção discursiva da mídia. A dissertação, com o intuito de compreender a construção dos efeitos de verdade nos discursos de *o Abusado* e *Os sertões*, realiza não simplesmente a des-construção discursiva da mídia, mas também a do discurso oficial.

Interessante apontarmos a comparação que Paiva realiza entre *o Abusado* e *Os sertões* no que diz respeito à interpretação de um momento de grande complexidade histórica em que estão mergulhados os seus personagens. “Barcellos contorna os trâmites da objetividade jornalística e também que – como na narrativa de *Os sertões* (...) – a subjetividade do narrador, do sujeito da enunciação aqui faz parte da interpretação de uma complexidade histórica” (PAIVA, 2003, p. 73). A interpretação dessa complexidade histórica, no caso de *o Abusado*, diz respeito a uma série de aspectos: à violência, ao criminoso, ao Brasil. Em seu processo de reconstrução biográfica de VP, Barcellos faz emergir o cotidiano da vida na favela Santa Marta. Esse cotidiano que é múltiplo, irreduzível em sua complexidade, mostra-se como a

² Xuxar, na fala dos moradores da favela, equivale também a enfiar a faca.

grande questão. Os discursos não podem mais ser formulados através do entendimento linear pobreza-crime.

A pesquisadora Sandra Moura aponta a observação feita pelo sociólogo Levi Bucarem Ferrari (Cf MOURA, *Caco Barcellos: o repórter e o método*, p, 157) sobre o trabalho do jornalista Caco Barcellos. Segundo Ferrari, o trabalho de Barcellos expressa “a preocupação de uma busca da verdade que se completa no compromisso de ter o homem, e sua vontade, como agente da História” (MOURA, 2007, p. 157). Essa observação de Ferrari é importante por a obra *Abusado* trazer uma nova visibilidade sobre o Brasil que existe nas favelas brasileiras. Barcellos, ao se propor a reconstituir a biografia de Márcio Amaro de Oliveira, inseriu-se no cotidiano das ruas, vielas, do morro; nas histórias de vida de seus moradores desvelando o real, fazendo surgir, insurgir-se, um outro Brasil, desconhecido do homem do asfalto, na voz dos traficantes e dos moradores da Santa Marta.

Barcellos, como Euclides da Cunha, teve sensibilidade, persistência e coragem para trazer um outro Brasil à luz da discussão. Emergem nas páginas de Barcellos e Euclides conselheiristas de ontem e de hoje, este do arraial, aquele das favelas brasileiras. Em comum há entre eles a ignorância do Brasil do litoral e do Brasil do asfalto.

A narrativa jornalística, segundo o pesquisador, realiza o papel de criar possibilidades para o exercício da abstração, encontro dos paradoxos, contradições, entendimento da complexidade inerente à vida comunitária, que não pode ser percebida na televisão, devido a uma falta de tempo que está imbuída na narrativa televisiva. Vejamos o que Paiva nos diz:

o livro *Abusado*, de Caco Barcellos, se distingue dentre as séries de imagens difundidas pela mídia global – particularmente, dos telejornais, programas de auditório e *talk shows*, nas tevês abertas e pagas – que traduz a rotina dos deserdados da terra de maneira estigmatizada. O escritor-jornalista expõe a dura realidade do morro sem véus, sem meias palavras. Logo, instiga o leitor, escrevendo por meio de uma ética jornalística compreensiva, no respeito ao mundo violento dos excluídos (PAIVA, 2003, p. 70).

A fala de Paiva dialoga com o que já foi exposto sobre o pensamento do filósofo Michel Foucault. Este defende que o noticiário policial, ao se apropriar da estética do crime, realiza o controle social, em sua construção discursiva do delinqüente. Agora, vemos surgir a narrativa de Barcellos com outra proposta discursiva em relação à favela e aos excluídos. Paiva escreve que o livro *Abusado* surge imbuído de bons presságios

“na medida em que decide enfrentar os desafios e assumir uma nova postura face à narração do crime, castigo e seus desdobramentos na cultura das redes” (PAIVA, 2003, p. 81). Pois, para o pesquisador, por a obra *Abusado* apropriar-se das experiências que nutrem a casa, a rua e as vibrações midiáticas abre caminhos para um novo sentido ético “pelo viés das emoções, sensações, afetos e sentimentos”. Essa fala de Paiva dialoga com a reflexão do pesquisador Muniz Sodré, em sua obra mais recente *As estratégias sensíveis*, quando expõe a apropriação dos discursos midiáticos por meio das sensações. Além disso, continua Paiva, “eles podem nos levar também a discutirmos como os atores sociais (e suas tribos) encontram modos de identificação face às imagens e figuras da violência e do medo” (Id, p, 81).

Segundo Cláudio Cardoso de Paiva, a importância da obra *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, de Caco Barcellos, está em a obra reunir as formas estéticas, éticas, sociais, ideológicas e antropológicas que permitem ao leitor a possibilidade de um contato aproximado com a alteridade e a complexidade da vida cotidiana da comunidade da favela Santa Marta.

A literatura de Barcellos, enquanto mídia impressa, pelo viés do chamado jornalismo investigativo, consegue flagrar o universo de Dona Marta em seus abismos sociais, econômicos e culturais, mas mostra também o componente humano, afetivo, gregário. O livro de Barcellos – pela sua própria voz e pelas vozes dos personagens – nos permite enxergar camadas reativas e também camadas afirmativas. De um lado há o jornalista ‘global’ com todas as incorporações ideológicas da organização empresarial a que está afiliado, do outro lado há o jornalista crítico e perspicaz empenhado no exercício da ética e da responsabilidade (PAIVA, 2003, p. 79).

O outro Brasil, o das favelas das grandes cidades brasileiras, surge como imagem-questão na obra de Barcellos. O criminoso na obra não pode mais ser compreendido, simplesmente, pela sua condição de pertencente à classe pobre. A violência, o tráfico, esse outro Brasil, emergem na narrativa barcelliana como imagem-questão; de um Brasil que não pode mais ser ignorado pelo Brasil oficial, do asfalto. “Caco Barcellos sugere que uma sociedade fundada na aceitação passiva da desigualdade jamais pode estar pacificada consigo mesma” (PEQUENO, 2003, p. 16).

Cabe acrescentar a reflexão da pesquisadora Sandra Moura no que concerne ao projeto jornalístico de Caco Barcellos. Moura compreende projeto jornalístico a partir do pensamento de Cecília Salles (Cf. MOURA, *Leituras do Abusado*, p, 98) que desenvolveu a sua reflexão sobre o *projeto poético*. Projeto jornalístico é compreendido,

assim, por Sandra Moura, como “os fios condutores que norteiam o processo de criação de cada obra de um artista como um todo” (MOURA, 2003, p. 98). Incluem-se a escolha estética, os valores éticos e a sua representação de mundo. Significa dizer que a compreensão do projeto jornalístico de Caco Barcellos surge da compreensão não simplesmente de sua obra *Abusado*, mas de algo bem mais amplo como o envolvimento do jornalista Caco Barcellos com as questões sociais.

Em TV, jornal, revista ou livro, Caco Barcellos não se afasta de dois temas centrais: violência e injustiça social. São focos que o acompanham desde o começo da carreira de repórter, quando ainda na *Folha da Manhã* denunciou a perseguição de policiais a moradores da periferia de Porto Alegre. Tal postura se manteve em matérias para a TV, a exemplo das reportagens sobre a descoberta de uma vala clandestina com mais de 1.500 ossadas humanas no Cemitério de Perus, em São Paulo. Entre elas, estavam as de militantes políticos desaparecidos durante o regime militar.

Seus dois livros que antecedem o *Abusado* vão nessa perspectiva: em *A revolução das crianças*, testemunhou em várias frentes a vitória dos guerrilheiros sandinistas na guerra civil da Nicarágua. Em *Rota 66*, denunciou uma outra guerra: a de um grupo de extermínio da polícia que assassinou 4.179 pessoas, no período de 1970 a 1992. Seus alvos eram moradores de áreas pobres da cidade de São Paulo, trabalhadores, negros ou pardos, e sem antecedentes criminais.

Ter um espaço como o da Santa Marta liberado para investigação, saindo-se de lá sem nenhum arranhão, não se reduz ao fator sorte ou a mera habilidade do repórter em negociar com os traficantes. Trata-se disto mas também de uma constante busca de Caco Barcellos por temas relacionados com o seu grande projeto (MOURA, 2003, p. 99).

Significa dizer que não foi ‘por acaso’ que justamente o repórter Caco Barcellos tenha escrito a obra *Abusado*. A relação de confiança que aconteceu entre o jornalista, traficantes e moradores da comunidade surge, como observou Sandra Moura, não apenas da habilidade do repórter em negociar com os traficantes, mas pela constituição do projeto jornalístico de Caco Barcellos, que é todo constituído por temas sociais. A sua trajetória o credenciou a realizar a obra. No livro *Abusado* fica bastante claro que Marcinho VP já conhecia o seu trabalho, especialmente o seu livro *Rota 66*. Em *Abusado*, Barcellos narra o seu encontro com Marcinho VP no morro Dona Marta, em uma madrugada de 1999.

Juliano estava nos esperando na varanda, um espaço parcialmente coberto, com uma churrasqueira e muitos varais cheios de roupas penduradas.

- Tudo tranquilo? Aqui você tá seguro, não se preocupa – disse Juliano.

- É mesmo?

- Teus amigos tão aí atrás. Chega aí, vô te mostrá – disse ele, agachado atrás da mureta da varanda para apontar, discretamente, um prédio branco para o lado da Escadaria.

- Tá vendo, é o DPO!

Estávamos a uns 150 metros do único posto da Polícia Militar do morro em 1999. A brincadeira de Juliano tinha um significado.

- E aí? Li aquele seu livro sobre os crimes dos PMs lá de São Paulo, o *Rota 66*. Não vai escrevê sobre os crimes dos homi daqui, não? É papo sério, aí! (BARCELLOS, 2003, p. 455).

Segundo Sandra Moura, *Abusado* amplia a compreensão que se tem do jornalismo investigativo por não se relacionar exclusivamente à denúncia. Embora os crimes perpassem as histórias de vida dos traficantes/personagem, Barcellos não se limita a desvendar os delitos. O jornalista teve “conhecimento e sensibilidade para perceber a condição humana dos traficantes acima dos seus crimes” (MOURA, 2003, p. 101). O foco de seu trabalho é a tentativa de compreensão da origem dos crimes, isto é, des/vendar os motivos que levam os jovens a ingressar no tráfico. Assim, o projeto jornalístico de Caco Barcellos desenvolve-se na contramão da cobertura da imprensa nas periferias, que tende a relacionar essas comunidades ao universo do crime. Sandra Moura escreve: “somos pois tentados a pensar *Abusado* como uma possibilidade de enfraquecimento da visão jornalística que reduz os problemas sociais (como a quadrilha de traficantes da Santa Marta) à figura do bandido, do monstro” (MOURA, 2003, p. 117).

Percebemos que o pensamento da pesquisadora Sandra Moura dialoga bem com o do pesquisador Cláudio Cardoso de Paiva no que concerne à postura do jornalista Caco Barcellos em seu modo de construir discursos sobre a violência, os traficantes, e as classes menos favorecidas. “Caco Barcellos tenta nos dizer que há algo inefável na conduta de um homem que faz da maldade profissão” (PEQUENO, 2003, p. 14). O discurso barcelliano emerge na contramão dos discursos dos noticiários policiais apontados por Michel Foucault. Surge como uma nova visibilidade sobre o cotidiano da comunidade da Santa Marta. Essa nova visibilidade surge também a partir do modo de questionamento de Barcellos quando conversa com as pessoas da comunidade. Significa observar a importância que tem as perguntas de Caco Barcellos para a formação do imaginário sobre esse outro Brasil. Dentre tantos exemplos em sua obra *Abusado* há um que nos pareceu imensamente significativo para podermos ilustrar o pensamento.

Precisei mais uma vez da ajuda do missionário Kevin para conhecer a primeira pessoa da quadrilha, Luz. (...)

- Essa favela tem tudo de bom, pode perguntar – disse Luz.

- Tem correio? Aqui fica perto do correio, por exemplo?

- Correio, a favela não tem.
- Cinema?
- Cinema também não.
- Biblioteca?
- Biblioteca não, aí.
- Praça, pracinha.
- Não, não?
- Escola, biblioteca?
- Não tem nada disso, mas é só descer que tem tudo lá no asfalto, aí. (BARCELLOS, 2003, p. 463-464).

As perguntas de Barcellos encaminham o discurso para o des/velamento da realidade da favela Santa Marta. Pelas suas questões, o Brasil que vive à margem da cidadania vai pouco a pouco sendo desvelado. Esse processo de ocultamento/desvelamento que emerge, segundo Martin Heidegger, na obra de arte acontece na relação pergunta/resposta de Barcellos, que ao contrário de se fechar em resposta se abre, emerge, em novas questões. Infundo processo de ocultamento/desvelamento da vida cotidiana da Santa Marta. A inserção da fala de Barcellos na narrativa de *Abusado* realiza ainda outros des/velamentos. É interessante observarmos que nos diálogos entre Barcellos e VP, aquele inverte os discursos deste. Exemplifiquemos com o caso do jogo de futebol entre os times do *Independiente* e o *Boca Juniors*, que os dois assistiram na Argentina. No meio da confusão do estádio, Caco Barcellos é atacado por jovens armados. Quando Marcinho VP se dá conta, entra na briga com socos e pontapés gritando “—Caralho! Caralho!” (BARCELLOS, 2003, p. 478). Os gritos assustam os jovens, que se dispersam.

- Decidimos sair do estádio, mas Juliano queria antes vingar-se pelo menos de um dos agressores, com uma surra e a entrega dele para a polícia.
- A polícia tem que matá um filho da puta desse! – protestou Juliano.
 - Que negócio é esse, Juliano? Deixa pra lá, já foi! – eu disse.
 - Caralho, olha aí o furo na tua perna! A polícia tem que vê isso, porra! Matá um cara desse!
 - Ah é, é? Polícia tem que matar bandido, é? É isso que tem que ser feito, você tem certeza? É isso que ela devia ter feito quando te prendeu? – disse, tentando mostrar a incoerência de Juliano.
 - Foi covardia, cara, é isso que revolta.
 - É qual assalto não é covardia? – perguntei.
 - (...)
 - Normal, é que você acostumou com o outro lado.
 - É foda! Eu nunca tinha vivido isso do lado de vocês. É foda sê otário. É foda. É. Foda! (BARCELLOS, 2003, p. 478-479).

A inserção da fala de Barcellos na narrativa do *Abusado* realiza a desconstrução discursiva quando inverte a posição do discurso de VP, quando argumenta com ele mostrando as suas incoerências. Nesse diálogo percebemos como Barcellos problematiza as questões. Barcellos, como Euclides da Cunha, não se limitou ao domínio da técnica jornalística, mas soube, como diz Carlos Marcos Avighi (1987, p. 17), ter astúcia para “saber ouvir sem se deixar manipular”.

4.2.1.

As formações discursivas na imprensa e em *Abusado*

A gravação do videoclipe do cantor Michael Jackson na favela da Santa Marta foi alvo de diversas polêmicas. Uma delas foi a negociação entre os produtores do cantor e o traficante Marcinho VP para a gravação no morro. Outras foram de ordem política/diplomática contrárias à gravação do clipe na favela. O secretário estadual de Comércio e Turismo do Rio de Janeiro (na época), Ronaldo César Coelho, e Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, na época ministro dos Esportes, argumentaram que a exposição da pobreza e desigualdades sociais brasileiras seria maléfica à imagem do Brasil no exterior. Mas, como o ano de 1996 foi um ano de dinheiro farto no morro Dona Marta, a confirmação da vinda de Michael Jackson logo se realizaria.

O olhar mais aprofundado pelas formações discursivas faz emergir as relações estratégicas e de poder que compõem tais formações. Observa-se que os discursos não surgem por acaso, ao contrário, são regidos por regras anônimas, como diz Foucault, a partir de sua microfísica do poder. Há os interesses políticos/diplomáticos, os econômicos, os interesses daqueles que ganham com a gravação do videoclipe na Santa Marta, enfim, as formações discursivas gestam-se a partir dessa confluência, relações de força e poder.

Após a empresa brasileira *Skylight*, encarregada de fazer a produção no Brasil do videoclipe do cantor Michael Jackson, ter pesquisado e fotografado oito favelas cariocas para a escolha do local de gravação do videoclipe do cantor, duas favelas - *Rocinha* e *Santa Marta* - continuaram na disputa pela vaga. O encarregado pela empresa *Skylight* de fazer os contatos com os donos das favelas *Rocinha* e *Santa Marta* era o produtor Jorge Ben, que possuía bom relacionamento com o traficante Marcinho VP. Sobre o bom relacionamento entre os dois, Barcellos escreveu: “Juliano o conhecia dos tempos em que Jorge era adolescente infrator e morava na favela do Jacarezinho. Depois de seu

último roubo bem-sucedido, comprou uma caminhonete e passou a trabalhar como produtor independente de cinema” (BARCELLOS, 2003, p. 328). Interessante observarmos a sutileza na narrativa de Barcellos quando diz sobre a afinidade entre os dois.

As afinidades entre Jorge e Juliano se estendiam à linguagem e aos códigos de honra. Como Juliano ‘empenhou a palavra’, garantindo tranquilidade e segurança para as gravações de Michael Jackson, Jorge escreveu no seu relatório de produção que, se dependesse dele, a favela escolhida seria a Santa Marta (BARCELLOS, 2003, p. 328).

A equipe americana de filmagem concordaria com a sua escolha, mas quem decidiria pelo local de gravação seria o diretor de cinema Spike Lee, que estava na direção do videoclipe. Spike Lee acabou por escolher a favela Santa Marta, especialmente pelas suas paisagens e contrastes sociais.

O fator decisivo, prioridade do diretor Spike Lee, foi a paisagem deslumbrante com seus contrastes: à frente do morro está o espelho da lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de prédios luxuosos; atrás, o mar da baía de Guanabara; à esquerda, a montanha banhada pelo mar, que forma uma das imagens mais conhecidas no mundo, o Pão de Açúcar; e à direita, outro cenário carioca famosíssimo, o Corcovado e várias favelas, entre elas a Santa Marta, que nunca aparecem nos cartões-postais embora estejam aos pés do Cristo Redentor (BARCELLOS, 2003, p. 328).

Márcio Amaro de Oliveira viria a se tornar um dos maiores inimigos público do estado do Rio de Janeiro com a publicação da entrevista nos jornais *O Globo*, *O Dia* e *Jornal do Brasil*, no dia 12 de fevereiro de 1996. Até essa data, Marcinho VP era um ilustre desconhecido. A entrevista foi concedida na véspera da gravação do videoclipe *They don't care about us*. Na ocasião, a produção do cantor havia negociado com os traficantes a gravação do videoclipe no morro, mas exigiram a proibição da imprensa na favela. A reportagem do *Jornal do Brasil*, de 12 de fevereiro de 1996, diz sobre uma “operação batizada de *caça-repórteres*” que tinha como objetivo “manter o sigilo sobre o roteiro das gravações”. “Por exigência dos produtores americanos, que queriam garantir exclusividade das imagens, os policiais e os seguranças do esquema de Juliano formaram uma dupla barreira à imprensa nas entradas da favela” (BARCELLOS, 2003, p. 339). Mas os jornalistas Nelito Fernandes, de *O Globo*, Sílvio Barsetti, de *O Dia* e Marcelo Moreira, do *Jornal do Brasil* conseguiriam furar a segurança de Marcinho VP e se infiltrar na Santa Marta.

Eles chegaram vestidos como os jovens da Santa Marta: usavam bermudas, camiseta, tênis e pararam nos botequins para beber cerveja e conversar com os moradores. Bastou

uma oferta de 200 reais para terem a garantia de passar o fim de semana num barraco alugado e poder entrar na favela como se fossem parentes do dono da casa.

Um deles, Nelito Fernandes, de 25 anos, entrou na favela na sexta-feira à noite, acompanhado de outro jovem que escondia algumas máquinas numa sacola. O outro, Sílvio Barsetti, chegou no sábado depois do meio-dia, com dois parceiros que traziam equipamentos camuflados na própria roupa. Guiados por um morador, passaram direto pelas barreiras policiais sem serem revistados. Logo na subida começaram a levantar informações para chegar até o esconderijo de Juliano.

Um terceiro invasor, Marcelo Moreira, conseguiu furar o bloqueio com o apoio de uma família ligada à própria boca. Em troca de 150 reais, dona Noêmia, sogra de Careca, concordou em esconder dentro de sua casa uma pessoa indesejada no morro (BARCELLOS, 2003, p. 338).

Próximo à meia-noite de sábado, Marcinho VP descobriria a presença dos jornalistas na favela. Após o grupo de VP haver localizado os repórteres, o dono do morro faz o seguinte aviso: “—Seguinte, aí: nossa comunidade é tranqüila. Ninguém vai fazê mal pra vocês, mas tem que saí já do morro. Nós combinamo com a produção do Michael Jackson que não pode tê nenhum jornalista aqui” (BARCELLOS, 2003, p. 341). Após negociações o traficante os deixa ficar, mas os fotógrafos precisam abandonar a favela. Os repórteres Moreira e Barsetti começam a tentativa de convencer Marcinho VP a lhes conceder uma entrevista, o único que não se anima é Nelito Fernandes, que tinha o desejo de realizar uma entrevista exclusiva com o dono do Dona Marta. Por fim, chegam a um acordo que “previa um depoimento sem autocensura de Juliano, com a promessa de os repórteres escreverem que a entrevista foi feita na Santa Marta, mas sem identificar o nome dele nem dizer que ele era o dono da boca” (BARCELLOS, 2003, p. 342). Na segunda-feira, 12 de fevereiro, Marcinho VP constataria que o acordo não seria cumprido, pois além da publicação de sua fotografia e nome, a sua fala seria re-constituída a partir de versões diferentes em cada um dos jornais. Em seu processo de investigação e apuração para a feitura de seu livro *Abusado*, Caco Barcellos comenta o acontecimento do seguinte modo: “Alguns trechos da entrevista, reproduzidos com inverdades, revoltaram Juliano. De todos, o mais grave era a suposta resposta que ele deu quando perguntaram se tinha algum vício” (BARCELLOS, 2003, p. 350). Com isso, Barcellos expõe a fala de Marcinho VP: “— Eu respondi: não bebo, não fumo, não cheiro. Eu só fumo o mato certo. E olha o que esses putos escreveram aqui, caralho! Tô fudido!” (Id, p, 350). Vale a exposição de Caco Barcellos sobre o assunto em *Abusado*.

A declaração de Juliano já teria gerado dúvidas na própria madrugada de sábado. Como eles não usaram o gravador, os três se reuniram depois da entrevista para checar todas as respostas, justamente para evitar a divulgação de conteúdos diferentes em cada jornal. Sobre a questão mais delicada, não houve consenso e cada um publicou a seu modo. Os três concordaram que um deles havia perguntado a Juliano se ele tinha algum vício, mas cada um teria ouvido uma resposta diferente. Nelito Fernandes não entendeu direito a resposta, que teria sido: ‘Nunca fiz isso. Eu não cheiro, não fumo, não bebo, só fumo o mato certo’, uma forma de admitir que é usuário de maconha. Na dúvida, Nelito optou pela prudência: não reproduziu a frase na entrevista, atitude que o levou a ser cobrado na redação por ter sido furado pelos concorrentes.

Em *O Dia*, Sílvio Barsetti reproduziu a resposta com final diferente, mudando completamente o significado: ‘Nunca fiz isso. Eu não cheiro, não fumo, não bebo. Só mato o certo’. Ele disse que também teve dúvidas e acha que Juliano pode ter dito uma das três seguintes frases: ‘Eu queimo o mato certo’. ‘Eu queimo e mato certo’ e ‘Eu mato certo’. Optou pela última, alegando que era coerente com a ameaça feita por Juliano depois do fim da entrevista.

- Se no final ele fala que ‘Se vocês não cumprirem o acordo eu mando buscar vocês’ é porque ele mata certo. Ele vai buscar a gente para conversar? Então eu acho que esse final ratifica a dúvida do meio da entrevista.

Marcelo Moreira escreveu no *Jornal do Brasil* uma forma ainda mais alterada da frase atribuída a Juliano:

‘Eu não bebo, não fumo e não cheiro. Meu único vício é matar, mas só mato quem merece morrer’.

Anos depois Moreira admitiu ter feito uma interpretação errada da frase. Atribuiu o erro ao clima de tensão em que foi feita a entrevista. Segundo ele, não dava para pedir que repetisse uma frase mal ouvida. Ele acha que também pode ter sido influenciado pelo depoimento que ouviu na favela de um bêbado que teria matado uma mulher a mando de Juliano.

- A gente não quis exagerar em nada, não teve leviandade nenhuma, sabe por quê? Não precisava ele falar. Eu já sabia que ele era violento. Só naquele momento eu acho que ele não falou isso (BARCELLOS, 2003, p. 350-351).

Percebemos como o imaginário social está povoado pela figura do delinqüente e sua noção de periculosidade. É significativa a fala do repórter que diz que “já sabia que ele era violento”, que esse saber não dependia de nada que ele dissesse. Esse discurso nos traz Michel Foucault quando observa que o sentido de penalidade no século XIX passou a ser compreendido a partir da noção de periculosidade. A idéia sobre Marcinho VP já tinha sido concebida, antes mesmo da entrevista. As inverdades surgidas emergem como reflexo desse imaginário social, que trabalha não a partir dos atos do homem, mas a partir de suas virtualidades, sobre aquilo que ele é virtualmente capaz de fazer.

Um ano após a publicação da entrevista nos jornais *O Dia*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, Marcinho VP viria a ser condenado pela juíza Denise Frossard a 23 anos de cadeia por tráfico de drogas, formação de quadrilha e apologia ao crime. A base do processo que o acusava “pelos crimes de tráfico de drogas, formação de quadrilha, lesões corporais, homicídio e apologia ao crime” (BARCELLOS, 2003, p. 359) teria

sido a entrevista publicada nos jornais. Os três repórteres, Nelito Fernandes, Marcelo Moreira e Sílvio Barsetti, foram convocados para fazer o reconhecimento de Marcinho VP, mas “diante da juíza Frossard, no entanto, os três repórteres não quiserem ir além das denúncias já feitas na entrevista” (Id, p, 359). Embora os jornalistas não tenham reconhecido Marcinho VP como o autor da entrevista de 1996, o traficante foi condenado do mesmo modo.

Cinco anos após a publicação da reportagem, os repórteres, mais o editor César Seabra, concordaram em fazer uma autocrítica sobre o rompimento do acordo que haviam feito com Marcinho VP. Essa autocrítica faz parte do livro de Caco Barcellos, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Mas o que nos interessa expor aqui é o argumento do editor César Seabra. “—Fui eu que fiz o Juliano VP ficar famoso. Se não fosse por mim, ele não seria ninguém. Eu falei para o Nelito: ‘Não tem acordo com bandido’ – falou César” (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p, 360). Esse argumento é importante porque dialoga com o pensamento de Cláudio Cardoso de Paiva. O pesquisador observa que, embora a obra *Abusado* possa ser interpretada a partir de vários pontos de vista, “é preciso prestar atenção para o fato de que o imaginário ocidental é inteiramente atravessado pelas irradiações midiáticas e pelo culto da personalidade” (PAIVA, 2003, p. 76). A que dimensão chega tal culto da personalidade que torna permissiva a divulgação de inverdades pelo puro e simples argumento de se fazer/criar ou apagar personalidades na cena midiática.

O filósofo Marconi Pequeno nos lança a pergunta sobre como podemos compreender a condição existencial de um homem criminoso. “Devemos compreendê-los como bestas ferozes e destituídas de qualidade humana ou são simplesmente indivíduos que encontraram no crime o esperançoso refúgio de uma vida falida?” (PEQUENO, 2003, p. 12-13). O filósofo segue com as suas questões: “Como arrefecer a violência do *homo homini lúpus* (desse homem que é lobo do homem, como dizia Hobbes) se o grito desumano é a única maneira de certos indivíduos se fazerem escutar?” (Id, p, 13). Ao ter se apropriado da obra de Caco Barcellos, Marconi Pequeno no diz que embora o livro *Abusado* não realize uma análise filosófica sobre a violência ou mesmo uma interpretação sociológica do fenômeno, “podemos encontrar nela pistas, caminhos, exemplos, que confirmam a natureza complexa, multicausal, pluridimensional do problema da violência”, além de o jornalista ser muito feliz em “traçar o perfil psicossocial de alguns personagens sem elaborar juízos de valor sobre a

natureza, as motivações e os efeitos de suas condutas criminosas” (PEQUENO, 2003, p. 13).

Significa dizer que a narrativa barcelliana forma-se na contramão de discursos simplistas e redutores que estabelecem uma relação clara entre a pobreza e o crime, sem, no entanto, glamourizar a criminalidade e a violência. “Embora considere que as condições subumanas em que vivem Juliano (Marcinho VP) e seus cúmplices estimulem a violência criminosa, o autor evita estabelecer uma associação linear entre privação material e violência criminosa” (PEQUENO, 2003, p. 12). Apesar de ser cauteloso, o jornalista realiza a denúncia dos desmandos do poder público, da negligência do Estado e de toda uma sociedade do asfalto que emerge como “*sociedade-vítima-insensível* da violência” (Id, p, 14). Assim, Marconi Pequeno volta à sua tentativa de compreender o caráter infável do criminoso. “Nessa zona de intransparência, repousa a fraqueza da nossa racionalidade e sua incapacidade de explicar porque um assassino brutal pode também protagonizar gestos de grandeza, amor e solidariedade” (PEQUENO, 2003, p. 14). Por reunir em sua personalidade características tão díspares, o filósofo diz que o personagem Juliano (Marcinho VP) surge como “exemplo vivo do que pode ser *humano, demasiado humano*, como sugeria Nietzsche” (Id, p, 14). E o que vem a significar o *humano, demasiado humano* a não ser o homem comum? E é este que Barcellos nos apresenta: o homem Márcio Amaro de Oliveira.

Marconi diz ainda que Marcinho VP fogia aos estereótipos de outros bandidos por possuir determinadas características como: o discurso claro e articulado, a sua preocupação pelas questões sociais quando refletia sobre a condição de vida dos moradores da favela e o seu interesse pelo mundo da filosofia e da cultura. “Tais atributos o transformaram, aos olhos de muitos, em personagem-arauto que luta por uma causa certa (a injustiça social) utilizando-se de um meio errado (o narcotráfico, a violência)” (PEQUENO, 2003, p. 15). Vejamos um fragmento da carta escrita por Marcinho VP para os dirigentes do Comando Vermelho.

Somos Muitos.
Somos tão grandes que Medellin tem inveja de nós.
Somos mais que várias guerrilhas que estão lutando pelo povo na América Latina.
Somos mais que a FARC da Colômbia.
Somos maior que os zapatistas do México.
Mas não passamos de gangue dos morros de cada um com seus interesses!!

Quem tem medo perde a ilusão que tem na mão! Irmãos, falo de coração aberto, tem um ditado que diz.. quem fala a verdade não merece castigo³ (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p, 520).

Edônio Alves Nascimento escreve sobre a complexa personalidade de Márcio Amaro de Oliveira: “assim como suas idéias as suas atitudes, seja como mero traficante ou como o revolucionário que imaginava ser, ratificavam, na prática a confusão e a complexidade de sua personalidade” (NASCIMENTO, 2003, p. 147). Generoso, sensível e violento, adjetivos que se uniam na composição de sua personalidade. Foi no momento de sua administração, no morro Dona Marta, “que se instituíram os violentos tribunais de punição e de execuções para os bandidos que saíam da linha, uma novidade no Rio de Janeiro” (Id, p, 149). Outras novidades apontadas por Edônio Nascimento para a modernização da atividade do crime foram “a introdução de armas de guerra de uso militar, a exemplo dos fuzis AR-15 (...) e o então melhor fuzil automático de assalto do mundo, o AK-47” (NASCIMENTO, 2003, p. 151), e também a “organização dos ‘bondes’ na logística de guerra pelo controle do morro onde nasceu”. Segundo Nascimento, a escolha de narrativa feita por Caco Barcellos não foi gratuita, pois o romance “é a forma mais apta a fazer a interface do jornalismo com a literatura, de elevar a tessitura textual do presente cotidiano à condição de História” (NASCIMENTO, 2003, p. 154).

Segundo Cláudio Cardoso de Paiva, o que distingue o relato biográfico de Marcinho VP do relato de outros personagens desviantes de outras épocas (1900, 1930/60/70...) é o fato de os traficantes do morro agenciarem “as suas máquinas de guerra sem bandeiras, nem ideologias” (PAIVA, 2003, p. 70). O que os move é o seu desejo de poder e dominação, além de anseios narcisísticos que os fazem perceber o mundo como uma extensão de si mesmos.

Há sempre um argumento defensor de uma suposta causalidade profunda, inconsciente, faminta e desejante, tentando explicar a brutalidade das gangues e quadrilhas no morro. Em verdade, elas se nutrem do vazio, da falta e das neuroses causadas – também – pelas privações de todas as ordens; é isso – em grande parte – que as impulsiona para a criminalidade (PAIVA, 2003, p. 70).

³ As falas do bandido Marcinho VP seguem o modo de escrita do livro *Abusado*, nele Caco Barcellos reconstrói a fala dos moradores da comunidade com as suas transgressões à norma culta da língua portuguesa.

Segundo a pesquisadora Nadja Carvalho, a fascinação exercida pela obra *Abusado* é similar a que exercem outros trabalhos (livros ou filmes) ou peças de teatro. Nadja Carvalho ilustra o seu pensamento com os seguintes exemplos: “*Cidade de Deus* (Paulo Lins, 1997) e *Estação Carandiru* (Drauzio Varella, 1999), ou ainda, quando se tem a oportunidade de assistir as peças *Apocalipse I, II*, com o grupo Teatro da Vertigem (SP, 2002)” (CARVALHO, 2003, p. 90). Diz a pesquisadora que essas obras permitem ao espectador/leitor inserir-se no mundo da grande maioria que vive relegada à miséria. “A falta da expressão escrita entre favelados e detentos revela mais uma exclusão num país em que escrever é aptidão de poucos” (CARVALHO, 2003, p. 90). Em relação a essa expressão escrita, Cláudio Cardoso de Paiva escreveu sobre a grafia do título *Abusado*, de Barcellos.

O título chama a atenção pelo desvio ortográfico: a palavra *Abusado*, grafada com um ‘s’ ao contrário, remete ao modo de escrever dos segmentos sociais ágrafos. Tal expediente, se por um lado denota o desejo do autor de simular uma representação fidedigna da linguagem dos habitantes do morro, por outro lado, a grafia de *Abusado* denuncia um sentido de transgressão à norma (lingüística), algo compactuado com o autor, que respeita tal transgressão (comunicativa) e antecipa toda uma rede de cumplicidades entre o protagonista da trama (o traficante, Juliano/ Marcinho VP) e o narrador (o jornalista-escriptor-repórter Caco Barcellos) (PAIVA, 2003, p. 72).

Anteriormente, fizemos referência aos vários sentidos do título *Abusado*, por isso não vamos nos ater a esse tópico. Retornemos, assim, para a constituição biográfica de Marcinho VP.

É interessante expormos um trecho da entrevista que Barcellos concedeu à revista *Caros Amigos*⁴, pois nos parece elucidar um pouco sobre a construção do imaginário social, no que concerne à figura do delinqüente. Quando se referia à quebra de acordo que os jornalistas fizeram com Marcinho VP, na véspera da gravação do clipe de Michael Jackson, Barcellos diz: “É uma grande figura o Marcinho VP”. Mas por que esse moço é uma grande figura, questiona o jornalista Bob Fernandes, e ele responde: “Ele tem um pouco de Robin Hood. Quer ver: ele assaltou um caminhão de leite, distribuiu lá... de Coca-Cola também. Ele tem essa coisa, ele cuida dos turistas, não deixa assaltar turista, e tem 24 anos” (BARCELLOS). Não satisfeito, Bob Fernandes segue pedindo para Barcellos falar um pouco mais sobre a instrução de VP, suas percepções, e Barcellos responde:

⁴ Entrevista concedida antes do processo de investigação e apuração para a feitura do livro *Abusado: o dono do morro Dona Marta*.

Conheci pouco, conheci numa conversa. Claro que ele falando bastante pra me impressionar e tal. É bastante inteligente. Está querendo escrever um livro. A gente conversou muito até por conta disso. Ele estava com um laptop maravilhoso, e alguns capítulos. Ele perguntou: ‘Quer dar uma olhada?’ O pastor falou: ‘O Rota 66 você conhece?’ Falou do meu livro, e ele: ‘Já ouvi falar, me traz que eu quero ler e tal’. E aí o papo girou em torno do livro dele. Pelo menos os dois capítulos que eu li, era uma análise ‘sociológica’ da criminalidade no Rio de Janeiro. Eu disse: ‘Porra, meu, você tem de escrever sobre a sua vida no morro, é muito mais interessante. Não deixa de ser interessante isto aqui, mas é uma coisa quase até de marketing’.. Ele abria a boca falando coisas maravilhosas da vida dele, mas escreveu daquela forma. Fiquei tentando convencê-lo: ‘Fale um pouco mais da sua vida, de garoto, de como você chegou a ter o poder que você tem, a disputa’.. A disputa no morro de Santa Marta é uma disputa impressionante, é uma guerra danada lá⁵ (BARCELLOS, 2008).

A indignação, ou melhor, o não conformismo com a resposta de Caco Barcellos nos mostra como é considerado incoerente o discurso que diz ser o bandido uma “grande figura”. As grandes figuras, pelo que se percebe nas sutilezas discursivas da entrevista, habitam, existem, em um outro lugar. A problematização que Barcellos realiza em sua obra *Abusado*, com a biografia de VP, mostra-se contrária ao discurso que se constrói a partir da luta contra o homem sem rosto, como aponta Foucault. Nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, por exemplo, o bandido Márcio Amaro de Oliveira foi apontado como um assassino frio, vaidoso, apesar de seu discurso politizado. É interessante observarmos o fragmento escrito pelo jornalista Marco Antônio Martins, para o *Jornal do Brasil*, no dia 29 de julho de 2003, após o assassinato do bandido no cárcere de Bangu 3.

Criado na Zona Sul da cidade, ele ganhou o apelido VP⁶ quando ainda era menino e costumava xingar os amigos com dois palavrões que começam com as letras V e P. Sobrinho do traficante Pedro Gílson Dias de Araújo, o Pedrinho da Prata, ex-líder do tráfico no morro, ele foi escolhido seu substituto assim que Pedrinho foi preso. O jovem optou pelo tráfico depois de ter tentado ser modelo, desenhista e escrever poesias. Abandonou tudo, alegando preconceito. Passou pela prisão, após o episódio com Michael Jackson, fugiu e voltou a brigar pelo morro, então, dominado por Zacarias Gonçalves Rosa, Zaca, um eterno rival de Marcinho (MARTINS, 2003, p. 08).

Esse fragmento é importante por nos mostrar como a figura do delinqüente vai sendo, quotidianamente, produzida pelos noticiários policiais, como observou Michel Foucault. Percebe-se que a figura periculosa de Marcinho VP foi sendo construída a

⁵ Disponível em: http://carosamigos.terra.com.br/outras_edicoes/grandes_entrev/caco_barcellos.asp

⁶ Como mencionado, há uma outra interpretação para VP.

partir de seu grau de parentesco com o traficante Pedro Gílson Dias de Araújo, com o seu fracasso em buscar outras opções que não o tráfico, e, por fim, pelo ingresso no crime que surge como uma alternativa inevitável. É o que Foucault diz sobre o delinqüente estar amarrado ao seu delito antes de ter cometido o crime por uma complexa rede de fios, de relações de parentesco, pulsões e instintos. Vemos surgir, assim, a análise política da criminalidade, que segundo Foucault (1987, p. 238), reúne “pobreza-dissipação-preguiça-bebedeira-vício-roubo-crime”.

A relação entre o cineasta João Moreira Salles e o traficante Márcio Amaro de Oliveira traz elucidações sobre a construção do imaginário social no que concerne à figura do delinqüente. Salles, ao longo de três meses, concedeu uma ajuda financeira a Marcinho VP, de 1000 dólares, com o intuito de o traficante escrever um livro sobre a sua vida, sobre o desencanto com o crime. Em entrevista concedida a Paula Máiran, do *Jornal do Brasil*, em 28 de fevereiro de 2000, Salles disse que a sua idéia: “era ele escrever a história dele toda. Dizer o porquê de um menino inteligente, com o coração do lado certo – ele não é uma pessoa má -, optou pela criminalidade. Entender isso é importante para o Rio”.

Esse relacionamento foi alvo de polêmica, além de ter gerado uma crise de autoridade na Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro. O antropólogo Luiz Eduardo Soares, à época coordenador de Segurança Pública, e o Secretário de Estado, o coronel Josias Quintal, ficaram divididos em suas opiniões e posicionamentos. Em 1º de março de 2000, no caderno Cidade, do *Jornal do Brasil*, há a manchete *Garotinho abafa crise na segurança*. A reportagem diz: “O governador⁷ afirmou que todos concordaram que o traficante Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, é ‘um bandido, foragido, que cometeu crimes bárbaros e deve ser preso’”.

Caco Barcellos expõe o caso João Salles/Marcinho VP no capítulo intitulado *O cineasta e o traficante em Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Sobre o depoimento de João Moreira Salles feito, em um primeiro momento, de forma reservada e informal a Luiz Eduardo Soares e Josias Quintal, e à sua repercussão, Barcellos escreve:

O antropólogo deu apoio ao cineasta, elogiou-o publicamente pelo gesto ‘louvável e generoso’. O coronel, ao contrário, condenou a atitude e pressionou o Ministério Público Estadual a processá-lo por crime de favorecimento pessoal. O governador Anthony Garotinho também tomaria partido no debate de mídia, que ganhou dimensão nacional. Nos dias centrais da crise, chegou a demitir o antropólogo do cargo de

⁷ Anthony Garotinho era governado à época do caso Salles.

coordenador de Segurança, ao vivo, em entrevista ao telejornal RJTV. O antropólogo estava fora do Rio naquele dia (BARCELLOS, 2003, p. 523).

Na reportagem de 28 de fevereiro de 2000, *MP vai investigar João Salles*, podemos contemplar a crise na Segurança do estado do Rio de Janeiro.

Sobre a personalidade do traficante, que foi condenado a revelar a 25 anos de prisão, o secretário é incisivo: ‘Ele é um vagabundo igual a todos os outros procurados pela polícia, não tem nada de herói. Se ele tem alguma virtude que se apresente a justiça para responder por seus crimes’. Já o seu superior na hierarquia da segurança pública do estado, Luiz Eduardo Soares, acredita que o documentarista agiu corretamente: ‘João ficou realmente convencido de que atrás da máscara de violência havia um coração sensível capaz de se deixar sensibilizar pela pedagogia da paz. Não penso de jeito algum que isso foi ingenuidade do João. Também acredito nisso’ (MOREIRA... et al, 2000, p, 17).

Percebemos nos diálogos do fragmento da reportagem dois modos de construção do discurso. Enquanto o secretário Josias Quintal reduz a questão a uma resposta generalizante e determinista, Soares problematiza a ilegalidade e o delinquente. Deterministas também são as perguntas feitas pela jornalista Paula Máiran (2000, p. 17), do *Jornal do Brasil*, a João Salles. “Por que resolveu ajudar financeiramente o Marcinho VP?” ou “Ele é um traficante, que pega em armas, promove mortes e tirania. O Sr. nunca se sentiu conivente?”. Ou, então, “Você disse que ajudou Marcinho porque ele disse que queria sair do tráfico. Não chegou a duvidar dessa intenção?”.

Interessante podermos observar como as perguntas surgem repletas de respostas, de conceitos e pré-conceitos. As perguntas induzem, antecipam as respostas. Mais interessante ainda é a resposta de Salles para a seguinte pergunta de Máiran (2000, p. 17), “Com sua ideologia, Marcinho foi interlocutor de personalidades que o visitaram no morro e na cadeia. O Sr. não se deixou fascinar por este carisma? E Salles inverte a questão: “E a imprensa? Não se deixou fascinar pela imagem da besta-fera? Se existe idealização de um lado, existe de outro. Existe simplificação. O estereótipo não ajuda. Isso é burro”. E segue problematizando: “A tragédia é que pessoas de boa índole vão para o crime. (...) A realidade da favela é outra. Em um ano, no qual dei aula de história da arte na Santa Marta, vi duas vezes mães que tiveram seus bebês, recém-nascidos, mordidos por ratos” (MÁIRAN, 2000, p. 17).

A crise de autoridade na segurança pública do estado do Rio de Janeiro nos mostra por um lado a tentativa de humanização da figura do criminoso e, por outro, a tentativa de manutenção da imagem da besta-fera, em relação ao traficante, como

observa Salles. A reportagem de 28 de fevereiro de 2000, do *Jornal do Brasil*, traz o perfil biográfico de Marcinho VP. A manchete *Tudo em nome de vaidade e ambição* antecipa o que venha a ser a sua biografia.

Criado no Morro Dona Marta, em Botafogo, Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP teve uma infância parecida com a das crianças vizinhas.

Enquanto sua mãe, Dona Nininha, trabalhava fora, ele cuidava da casa e das irmãs menores. Mas nem por isso deixou de frequentar uma escola particular, que sua mãe pagava com bolsa de estudo. Ele dizia que um dia seria “um cara muito importante” e Dona Nininha sonhava com o título de doutor.

Bom aluno Márcio nunca foi. Gostava de desenhar, chegando a ganhar bolsa de estudos em um curso de desenho. Não deu certo. O menino achava que os colegas desconfiavam de sua honestidade e acabou desistindo.

Na adolescência, Marcinho VP sentia-se discriminado pelos bandidos do morro porque era aluno de uma boa escola e andava com jovens de família de classe média alta da Zona Sul carioca. Aos 16 anos, ingressou no mundo do tráfico. Mas a mãe não sabia. Dona Nininha só descobriu o lado marginal do filho quando ele foi preso pela primeira vez.

Segundo a família, Marcinho VP chegou a tentar uma mudança de vida, há cinco anos, quando passou uma temporada com a avó no Norte, trabalhando em um quiosque. Mas desistiu da vida honesta na primeira vez em que voltou a pôr os pés no Rio, no aniversário de um ano do filho.

Vaidoso, o traficante se orgulha de ter estudado até a 5ª série do Primeiro Grau. ‘Estamos praticamente no século 21. A antena parabólica traz informações do mundo todo. Eu leio livros e me considero uma pessoa Consciente’, afirmou, na polêmica entrevista de 1996.

A declaração motivou o seguinte comentário do cardeal arcebispo do Rio, Dom Eugenio Sales: ‘Trata-se de um retrato irretocável da decomposição moral que nos envolve. Refiro-me não apenas à entrevista, mas ao alarido em torno de um ídolo que representa contra-valores’ (2000, p. 18).

A construção biográfica de VP nos leva a pensar que Márcio Amaro de Oliveira teve todas as oportunidades para ter sido uma “pessoa de bem”, no entanto, seja por pulsões, tendências ou má índole ingressou no mundo do crime e do tráfico. O discurso da imprensa tece a relação de afinidade entre Marcinho VP e o seu delito. A reportagem do jornal *O Globo* não difere do fragmento acima ao apresentar a personalidade de Márcio Amaro de Oliveira. A começar pela manchete *O tráfico até no nome*, de 22 de fevereiro de 2000, que diz: “o Marcinho VP, é um bandido vaidoso, violento e vingativo. A explicação para seu apelido está no início de sua carreira; no mundo do tráfico, VP significa ‘vapor’, o criminoso responsável pelo preparo das drogas e por sua venda” (ROCHA & BOTTARI, 2000, p. 20). Ao contrário do livro *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, que problematiza a violência, a ilegalidade, as reportagens surgem com um discurso determinista e redutor sobre o crime e a produção da delinquência. A obra de Barcellos alcança grande relevância ao pôr em questão os discursos, os valores

e representações do que venha a significar o bem e o mal, o bom e o mau. Como já foi dito, Juliano/Marcinho VP emerge nas páginas de Barcellos como imagem-questão, assim como os sentidos da violência e desse outro Brasil, que existe renegado nas favelas brasileiras.

Em *Abusado*, Barcellos publicou as cartas escritas por Marcinho VP aos dirigentes do Comando Vermelho, assim como uma das respostas. As cartas escritas pelo bandido demonstram que VP não era muito bem aceito pelos chefes da organização criminosa. Iremos expor alguns fragmentos que nos mostram a reflexão de Márcio Amaro de Oliveira sobre a sua trajetória no crime e o seu relacionamento com os membros da organização. Logo no início da carta, Marcinho VP fala de sua filosofia e luta, além de fazer referência à disputa pelo morro Dona Marta, no ano de 1987, por Cabeludo e Zaca (Comando Vermelho versus Terceiro Comando⁸).

Dô a vida por isso, mantê a filozofia de Paz Justiça e Liberdade.

Quando me envovi foi nos anos 80. A família tava em alta o povo acreditava em nós. Todo o povo! Acreditei nisso também. Lutá pelo povo! Por nossos filhos, por um futuro melhor! Via seu Pedro Ribeiro ajuda o povo dando roupa, comida como um verdadeiro líder. Era tempo de pagode com Zeca Pagodinho nos morros, Almi Guineto, Dicró, Fundo de Quintal, Beto sem Braço. Os morros eram livre tempo de pagodes que não tem mais nos tempo de hoje.

Mais o menos nesse tempo teve a guerra no morro. Perdemos⁹ (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p, 515).

Na reportagem *Luiz Eduardo diz que não houve crime*¹⁰, de 28 de fevereiro de 2000, no *Jornal do Brasil*, o sociólogo disse que na verdade a ingenuidade não foi de Salles por ter ajudado Marcinho VP financeiramente, a ingenuidade foi de VP por ter acreditado, verdadeiramente, que poderia fazer justiça social por meio do crime.

Na opinião do sociólogo, Marcinho é que foi ingênuo e romântico ao acreditar na própria ideologia, de que só pelo crime libertaria seu povo (a população do Santa Marta) de um estado que ele definia como escravidão. ‘Acredito que ele só se convenceu de que o caminho que seguiu era errado no dia em que ocupamos o morro com o Bope e os moradores aplaudiram a ação da policia. Fomos profundamente didáticos naquela ação. Aquilo foi um baque para o Marcinho’, disse Luiz Eduardo. ‘Ele se via como o herói da comunidade. Nunca se viu como um tirano’, acrescentou Luiz Eduardo (2000, p. 18).

⁸ Essas são as duas facções do tráfico do Rio de Janeiro.

⁹ Mantive a escrita da carta de Marcinho VP, publicada na obra *Abusado: o dono do morro Dona Marta*.

¹⁰ Refere-se ao caso João Salles. O sociólogo defendeu a postura de Salles em relação à ajuda financeira concedida a Marcinho VP para escrever o livro de sua vida e abandonar o tráfico. À época, João Salles foi muito criticado e chamado de ingênuo.

Marcinho VP, em uma das cartas escritas aos dirigentes do Comando Vermelho, escreveu sobre a sua trajetória na hierarquia da organização: “Fui vapor, avião, prantão, chefe de prantão. Gerente. E seria sempre se o Carlos da Praça o quizece, mas ele queria um robô e quando ele viu que para isso eu não servia, tramô com Claudinho” (OLIVEIRA, 2003, p. 516). Marcinho VP diz ainda sobre a crítica feita a ele pelos chefes da organização: “A última vêz que eu mandei uma carta me disseram que eu estava muito poeta. Porque falei que a família tava ficando velha, tinha passado dos 20 anos e teríamos que ter propostas para o futuro!! (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p, 520).

Os fragmentos interessam por mostrar que Márcio Amaro de Oliveira, por não ter uma postura subserviente, sofreu represálias e traições pelos membros do Comando. A publicação das cartas por Caco Barcellos em *Abusado* ganha relevância por possibilitar ao leitor o acesso a diferentes pontos de vista, várias leituras sobre o que possa vir a ser considerado o discurso do verdadeiro, não simplesmente no que se refere à personalidade de Marcinho VP, mas a esse outro Brasil desconhecido das favelas. O traficante que emerge nas páginas do *Jornal do Brasil* e *O Globo* como um assassino frio, vaidoso e cruel surge nas páginas de Barcellos como um bandido preocupado com a sua comunidade. A obra de Barcellos, ao instaurar o mundo da favela Santa Marta, problematiza a questão da violência, do infrator, do crime.

Minha luta é por Paz, Justiça e Liberdade. Tenho um filho de 12 vai fazer 13. O que ele vai pensá de mim? Que sô um simpres traficante! ele que naceu no morro, foi criado no Morro??? Se eu esquecê dos moradores.? Estarei esquecendo dele e de mim!! A Boca é só a baze de minha responsabilidade, bem como todo meu povo. Tenho que cuidá dos filhos dos meus irmãos que morreram ao meu lado, tenho que falá para eles a responça que os pais deles eram, tenho que sê um pouco pais deles, prometi a eles isso, irmãos! ! Tenho que encherjá o futuro e prepará meus irmãos para esse futuro, tenho total respeito a família e porisso vivo assim (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p, 520).

A travessia pela obra *Abusado: o dono do morro Dona Marta* nos mostrou que a narrativa de Barcellos se constitui na contramão dos discursos produzidos contra o inimigo sem rosto, apontado por Michel Foucault. A violência, o crime e o infrator surgem problematizados em seu discurso. Na narrativa barcelliana a relação pobreza/violência não é possível. Retomando a reflexão da pesquisadora Sandra Moura, *Abusado: o dono do morro Dona Marta* amplia a concepção que se tem do jornalismo investigativo enquanto denúncia, pois Barcellos transcende a denúncia problematizando

a realidade desse outro Brasil renegado nas favelas brasileiras. Tanto *Os sertões* quanto *Abusado*, ao contrário de surgirem como mimese, como imitação de uma dita “realidade”, instauram o mundo, emergindo o Brasil do arraial e o da favela. Retomando Foucault, que nos diz que não interessa saber se o discurso é verdadeiro ou não verdadeiro, mas sim compreender as formações discursivas, podemos dizer que o percurso pelas obras *Os sertões* e *Abusado: o dono do morro Dona Marta* elucidam o constituir dos discursos, des/legitimando o que venha a se considerar o discurso da verdade.

5

Considerações finais

Chegamos às considerações finais, mas ainda com aquela sensação de estarmos a meio caminho. Talvez seja essa a sensação daqueles que optam por tratar com questões, ao invés de conceitos. As questões em seu processo de des-dobramento em novas perguntas talvez tenham como fundamento essa sensação incômoda de não termos dado conta do recado. Mas esse sentimento não é de todo sensato, pois a travessia foi realizada como experiencição de novas possibilidades de entendimento discursivo, esse resultado não é vão. A sensação de estarmos ainda em meio do caminho também não é, pois é ela que nos faz seguir com o passo, e outros, novos des-velamentos.

A busca pelos efeitos de verdade nos encaminhou a várias procuras. A compreensão através do acontecimento e do fato jornalístico: elucidções sobre a apreensão do real. O entendimento através de Nietzsche sobre o conhecimento, um outro entender, ao retirar do sujeito o germe do conhecimento. Pois, para Nietzsche, o conhecimento não está no homem. O filósofo defende que o conhecimento vem a ser como “uma centelha entre duas espadas” (2005). O conhecimento surge no ínterim de um real que não se revela e o homem que não se contenta em não compreendê-lo. Essa compreensão nietzscheana nos leva a outros caminhos. Nos leva a Michel Foucault que percebe a formação das formas discursivas a partir da genealogia das formas de poder. Encontramo-nos com um dos teóricos fundamentais para nos acompanhar em nossos caminhos. E a verdade? Questão que nos surge... ! maior que nós. Como compreendê-la na literatura e no jornalismo? Surge Heidegger, a força de seu vigoroso pensamento insurge no texto, no entendimento, em nossa travessia. Sem Heidegger não há dúvida, a nossa travessia seria outra. Talvez um bom caminho, mas certamente menos vigoroso.

A complexidade do pensamento do filósofo nos levou a caminhar a partir das grandes questões. Felizmente, pois chegamos a Manuel Antônio de Castro. Ele nos trouxe a imagem-questão, as questões da arte como as questões do questionar. Trouxe-nos des/velamentos a partir do diá-logo profundo com a obra de Heidegger. Com isso, tivemos condições de nos embrenhar pelos infindos caminhos que já são plurais a começar pelo nome: *Os sertões*; que nos trouxe o entendimento sobre a obra-monumento. *Os sertões* surge como evocção não de um passado qualquer, mas de um

momento vivo da memória coletiva brasileira. Embora tenhamos focado a nossa atenção em pequeníssimos momentos do livro-vingador euclidiano, pudemos vislumbrar o alcance de des/dobramentos da obra e perceber as gestações discursivas por meio das relações estratégicas e de poder entre a igreja católica, os senhores das terras, os políticos, e um Brasil do litoral desconhecido do Brasil do interior. Percebemos nas reportagens enviadas do palco dos acontecimentos, por Euclides da Cunha, a problematização sobre a guerra, o sertão, o sertanejo; sobre a ignorância em relação a um outro Brasil do interior. Desconhecimento que conduziu os vários Brasis a uma verdadeira hecatombe barbaresca, que foi a Guerra de Canudos. O projeto euclidiano, ao romper com a dicotomia européia-ocidental sujeito/objeto, nos trouxe a simbiose entre a arte, a poesia e a ciência. Através do projeto euclidiano pudemos, sim, clarificar o acontecimento ‘Guerra de Canudos’. Tantos desvelamentos a partir de Heidegger, de Michel Foucault. Vimos surgir *Os sertões* como evocação de um passado autêntico que re-constrói o futuro, a partir do presente evenemencial, apontado por Louis Quéré. Ao final da travessia pelo *Os sertões* nos surpreendemos com a descoberta de Ariano Suassuna: a favela do arraial, as favelas das grandes cidades brasileiras.

A favela da Santa Marta, o *Abusado*, de Caco Barcellos, que nos traz um outro Brasil, desconhecido do homem do asfalto. Emerge o cotidiano das ruas, o modo de falar dos moradores da comunidade, dos traficantes. A narrativa barcelliana, ao contrário de surgir como *mimese*, instaura o mundo com os seus cheiros, a sua fala, as suas ruelas, becos apertadiços e íngremes. A narrativa barcelliana faz insurgir o Brasil desconhecido do asfalto, com as relações de poder entre carcereiro-trafficante-sociedade. Como não falar em Michel Foucault, em sua violência de *Vigiar e Punir*? Emergem as formações discursivas em meio às complexas relações estratégicas e de poder. Em o *Abusado: o dono do morro Dona Marta* vimos surgir a problematização sobre o crime e a delinqüência. Como foi-nos possível observar, não há na narrativa de Barcellos a luta contra o inimigo sem rosto, como observou Michel Foucault. Ao invés de um discurso que tece a íntima relação do delinqüente com o seu delito, há na narrativa de Barcellos a questão sobre o crime e seu agente e sobre o caráter inefável que tece tais relações. Há também em sua narrativa a questão da ignorância, mas em relação a um Brasil de agora, esquecido nas favelas brasileiras. Ignorância a olhos vistos, pois não precisamos mais desbravar o interior do país para nos surpreender com os vários sertões. A questão sobre a ignorância e a alteridade adquire grande relevância em ambas as narrativas, por desvelar outros Brasis. As obras de Barcellos e Euclides aparecem como produtos

plurais, no sentido de conduzir o leitor à realização de sua própria travessia, de seus próprios des-velamentos.

A travessia nos fica impregnada n'alma. Heidegger, Foucault, Euclides, Barcellos, caminhos sem volta. Recriações para novos percursos. Devir que se desdobra em novas perguntas sobre o jornalismo. Será possível um discurso jornalístico que se coloque como questão? Ou teremos que nos manter a concebê-lo a partir do projeto iluminista de esclarecimento sobre o mundo? Será possível um jornalismo que, ao invés de dar orientações sobre o cotidiano e de se apresentar como um discurso legitimado como verdadeiro, problematize os acontecimentos? Parece-me que a reflexão sobre a verdade é fundamental, pois é a partir dela que podemos refletir sobre o que é isto o homem e o real. Questões. Grandes questões que nos ficam. Tra-vessias.